



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.4, jun./nov.2008



MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

NOVAS HIPÓTESES PARA UMA ANTIGA DISCUSSÃO

Daniela Mantarro Callipo
(Professora — UNESP/Assis)

RESUMO

Este artigo visa estabelecer algumas hipóteses para a criação do nome Brás Cubas, personagem do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Pretende-se demonstrar que é possível ter-se o escritor brasileiro inspirado no famoso bálsamo de Ferrabrás para criar o emplasto Brás Cubas. Esta possibilidade justifica-se, tendo em vista o profundo conhecimento que Machado possuía do livro *Dom Quixote*, de Cervantes, e as reflexões do autor acerca da ciência e de características essenciais do ser humano, como o amor da glória.

PALAVRAS-CHAVE

Machado de Assis; *Memórias póstumas de Brás Cubas*; ciência; amor da glória; origem do nome.

RÉSUMÉ

Cet article vise à établir quelques hypothèses pour la création du nom Brás Cubas, le personnage du roman *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. On prétend démontrer qu'il est possible que l'auteur brésilien ait cherché de l'inspiration dans la célèbre baume de Ferrabrás pour créer l'emplasto Brás Cubas. Cette possibilité se justifie, en vue de la profonde connaissance que Machado possédait du livre *Dom Quixote*, de Cervantes, et des réflexions de l'auteur concernant la science et les caractéristiques essentielles de l'être humain, comme l'amour de la gloire.

MOTS-CLÉS

Machado de Assis; *Memórias póstumas de Brás Cubas*; science; amour de la gloire; origine du nom.

O romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* começou a ser escrito por volta de 1878, sendo publicado em capítulos na *Revista Brasileira*, de março a dezembro de 1880. Tornou-se livro em edição de 1881 e, desde então, vem sendo debatido calorosamente e analisado com minúcia, sob pontos de vista bastante diferentes, provocando discussões entusiasmadas acerca da forma original criada por Machado de Assis para contar a história do rico solteirão Brás Cubas: o escritor fluminense mesclou humor e melancolia, elegância e desfaçatez, criando um narrador volúvel e matreiro, que se ri do leitor pasmado diante de tanta digressão e extravagância. O romance foi estudado sob vários ângulos e os pesquisadores até hoje procuram compreender a profundidade escondida naquelas linhas por vezes desrespeitosas, mas sempre fascinantes, que descrevem os hábitos e costumes da sociedade brasileira oitocentista, mas vão além disso, revelando as facetas nobres e não tão nobres da humanidade.

Causa espanto, igualmente, a escolha do nome do protagonista. Várias hipóteses têm sido levantadas para se compreender a origem de Brás Cubas. O próprio narrador oferece uma explicação para seu nome incomum: afirma ele ter sido um "certo Damião Cubas" o fundador de sua família, na primeira metade do século XVIII. O parente, "tanoeiro de ofício", tornou-se lavrador e morreu, deixando boa quantia em dinheiro para Luís Cubas que, graças à herança, pôde estudar em Coimbra, tornando-se "um dos amigos particulares do vice-rei Conde da Cunha" (ASSIS, 1978, p. 17-8). O pai de Brás, bisneto de Damião, decide pintar a verdade com cores mais vivas e, primeiramente, explica a origem do nome do filho "entroncando-se" na família do capitão Brás Cubas, fundador da vila de São Vicente em 1592. A tentativa falha, pois ninguém crê nessa versão e ele cria uma nova teoria, baseada em um heróico cavaleiro que possuía esse nome por causa de suas façanhas na África, quando arrebatara "trezentas cubas aos mouros".

A explicação não satisfaz os pesquisadores, que passaram a sugerir novas hipóteses para a escolha do nome. Seguindo as reflexões de Araripe Jr., para quem Rubião representaria a nação brasileira, John Gledson (2003, p. 87) aproxima Brás de Brasil, pois ele seria "o representante de uma classe (a oligarquia dirigente)". Roberto Schwarz (1990, p. 73) concorda com a analogia e vai além: relacionando a ficção machadiana a fatos históricos, traçando paralelos entre datas da narrativa e datas reais, o crítico conclui que "a charada histórica é uma presença importante na obra machadiana".

Mais recentemente, Valentim Fiacoli (2002, p. 82) retoma o assunto e acrescenta outras possibilidades para a origem do nome Brás Cubas. Desconfiando do narrador que oscila constantemente entre "a vida e a morte, entre a verdade e a mentira, entre a razão e a loucura, entre o pensamento e o preconceito, entre o arcaico e o moderno, entre a escravidão e o liberalismo", o pesquisador, cautelosamente, comenta a escolha do nome invulgar e sugere que Machado teria imitado essa prática à sátira menipéia, lembrando os heróis com prenomes nada comuns, como Tristram Shandy ou Bobok. O estudioso aponta, a seguir, algumas suposições para a escolha do nome do herói (ou anti-herói) machadiano: primeiramente, retoma a aproximação feita por Gledson entre Brás e Brasil, mas acrescenta: Cubas poderia representar o país latino-americano Cuba. Em seguida, relaciona Brás Cubas à personagem Bar Coziba, criada por Renan, um dos autores preferidos de Machado. O crítico sugere, ainda, uma aproximação com São Brás, Blaise Pascal, a história de Gil Blas, mas insiste na analogia feita com o Brasil. Ele conclui:

Desse modo, Brás Cubas, sendo um nome inusitado e extravagante para a personagem, e sendo também paródia do nome do colonizador português, parece exprimir uma síntese de certas intenções machadianas, que se encontram por extenso em toda a narrativa (FACIOLI, 2002, p. 88).

Não pretendo aqui apontar a solução do enigma que motivou a escolha do nome Brás Cubas, mesmo porque todas as tentativas de explicações reducionistas levam inevitavelmente ao fracasso, quando se trata de Machado

de Assis. A análise de seus textos exige cautela, porque se trata de um escritor avesso a fornecer respostas, pronto a confundir, a criar uma estratégia complexa de criação, em que o homem da sociedade brasileira finissecular retratado em seus romances representa o homem dessa sociedade, é claro, mas também de todas as outras, de todos os séculos.

Para Alfredo Bosi (1999, p. 11), "o objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano". Ao retratá-lo, o autor fluminense não se restringe à sua época, nem a um grupo social e se insere numa tradição literária cujo objetivo é tratar de temas universais: a vaidade, o egoísmo, a hipocrisia. Dentre esses temas, dois me interessam mais de perto: a ciência e o amor da glória.

Tratarei, primeiramente, da ciência. Sabe-se que o século XIX assistiu ao progresso da medicina e ao surgimento de novas técnicas, medicamentos, teorias. Uma das mais discutidas foi aquela criada por Charles Darwin (citado várias vezes nas crônicas machadianas), que procurou explicar, em seu livro de 1859, *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or The Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*, a idéia de evolução a partir de um ancestral comum, por meio de seleção natural. Nem todos compartilhavam, entretanto, do entusiasmo face aos avanços científicos. Flaubert, em seu *Madame Bovary* (1857) critica a crença cega na medicina e mostra, por meio da personagem Carlos, que era preciso ver com desconfiança xaropes, pomadas, cirurgias.

Bem antes dele, Molière tratara com ironia o assunto em várias de suas peças: *Le médecin malgré lui* (1666) e *Le Malade Imaginaire* (1673) são dois exemplos magistrais de como o dramaturgo francês ridicularizava pacientes e médicos.

O avanço da ciência no mundo contrastava, entretanto, com o atraso da medicina no interior do Brasil. Taunay publica seu belíssimo *Inocência* em 1872, e cria Cirino, filho de um vendedor de drogas que se intitulava boticário. A personagem, seguindo os passos do pai, passa a atender a população e a

receitar medicamentos, unindo ciência e superstição. Médico ou curandeiro, boticário ou charlatão, tem acesso a todas as famílias carentes que visita, prometendo saúde, garantindo a cura de todos os males. Taunay descreve uma realidade do século XIX, ou seja, a falta de médicos formados e competentes, a abundância de “doutores” que se serviam dos manuais do então famoso Dr. Chernoviz, para ganhar a vida:

Por toda a parte entra, com efeito, o doutor; penetra no interior das famílias, verdadeiros gineceus; tem o melhor lugar a mesa dos hóspedes, a mais macia cama; é, enfim, um personagem caído do céu e junto ao qual acodem logo, de muitas léguas em torno, não já enfermos, mas fanatizados crentes, que durante largos anos se haviam medicado ou por conselhos de vizinhos ou por suas próprias inspirações e que na chegada desse Messias depositam todas as ardentes esperanças do almejado restabelecimento (TAUNAY, 2000, p. 47).

Quase dez anos depois de Taunay, Machado de Assis começa a criar a sua própria galeria de médicos: vaidosos, charlatães, insanos. Em 1881, no seu célebre conto “O Alienista”, trata não dos problemas do corpo, mas da alma. Da mesma forma, porém, que a medicina tateava na busca da cura para as doenças físicas, a psicologia ainda teria de esperar o fim do século para conhecer os resultados das pesquisas de Freud e Charcot, psiquiatras desejosos de iluminar os recantos obscuros da alma humana. Simão Bacamarte realiza suas experiências, não chega a nenhum resultado, enriquece com a loucura alheia e, não satisfeito, interna-se na busca do conhecimento de si e do outro. Há, ainda, outros contos instigantes, como “O enfermeiro”, e “Conto Alexandrino”; este último, se não trata de médicos, descreve a experiência absurda de dois cientistas que também buscam respostas para os desvios do comportamento do homem.

Mas, se em seus contos e romances Machado trata da ciência de forma discreta, pintando o tema com cores mais suaves e elegantes, nas crônicas escritas no mesmo período, ele não se cansa de atacar frontalmente a medicina de seu tempo.

A indignação se explica: no fim do século XIX, surgiram novíssimos produtos farmacêuticos: os periódicos anunciavam a substituição de remédios que não curavam mais, por outros que prometiam curar de tudo. Machado começa a discutir, em seus textos jornalísticos, a questão da saúde pública e as várias formas de tratamento dispensadas aos doentes: era preciso escolher entre a alopatia, a homeopatia e a então recente dosimetria.

Em de 2 de julho de 1883, por exemplo, o então colaborador do jornal carioca *Gazeta de Notícias*, comentava, sob o pseudônimo de Lélío, que a Sociedade Portuguesa de Beneficência acabara de abrir uma "enfermaria à medicina dosimétrica", que pregava a cura através de doses exatas ministradas a intervalos regulares. Preocupado com os doentes tratados por meio da homeopatia ou da alopatia, o cronista sugere aplicar-se a nova tendência a todos os pacientes, porque lhe parecia "uma crueza privar os restantes enfermos de tão excelso benefício. Uns ficarão meio curados ou mal curados, outros sairão dali lesto e pimpões; e isto não parece justo" (ASSIS, 1959, p. 413). Para justificar sua idéia, ele conta ter conhecido um médico que aplicava a alopatia aos adultos e a homeopatia às crianças para não martirizá-las.

Em crônica de 10 de agosto de 1884, Deus, em uma conversa com o apóstolo Pedro, irrita-se com vários anúncios afixados na Capela Imperial, inclusive o da Erva Homeriana, pois ela prometia "verdadeiros milagres". O Senhor comenta que o *Xarope do Bosque*, inventado em 1853, também afirmava curar tudo. Pedro, então, explica serem os xaropes "como os impérios" e conta a anedota da ida de uma senhora ao médico em busca de um medicamento que curava todos os males, noticiado no jornal. O médico, "espírito fino e agudo, deu-lhe de conselho que tomasse a droga sem demora: — Vá, apresse-se enquanto ela cura" (ASSIS, 198-, p. 54).

Em 18 de novembro do mesmo ano, Machado trata da polêmica em torno da alopatia e da homeopatia e reflete: "Contanto que curem, todos os sistemas são bons" (Idem, p. 84). Em seguida, conta a mesma anedota do dia 10 de agosto, mas agora a "senhora" é uma "fidalga" do século anterior e o

"médico" é um "médico célebre". Concluindo, lembra-se daquele mesmo médico da crônica de julho de 1883, que curava por "ambos os sistemas", mas só aplicava a homeopatia às crianças, para não "martirizar os pobres inocentes".

Em 8 de março de 1885, o cronista está furioso com a Associação Instrutiva e Beneficente, pois, além de adiar a "instrução primária para tempos melhores", ela preocupa-se mais com o lucro proporcionado por seus associados, do que com sua saúde. Ela afirma ser beneficente, mas cobrará uma "jóia" de 100\$000 para atender aos seus membros:

Esta associação, que vai inaugurar os seus trabalhos no dia 25 do corrente, dá médico e botica aos sócios, cem mil-réis para o enterro, e quinhentos mil-réis como legado aos substitutos instituídos pelo sócio morto. Conta seis médicos, quatro alopatas e dois homeopatas, e duas farmácias. Um dos farmacêuticos é membro do conselho. Quanto às obrigações, são, por enquanto, a entrada mensal de 4\$180; em breve, porém, só se admitirão sócios que entrem com 100\$000 de jóia (ASSIS, 198-, p. 87).

A associação, além disso, resolve suspender o benefício da instrução primária, para poder contratar mais farmacêuticos. O cronista conclui, com ironia: "Bem; adiemos a instrução primária para tempos melhores. Não nos falta tudo; temos as farmácias, que é a parte beneficente".

Muitos anos mais tarde, em crônica de 19 de novembro de 1893, publicada na coluna *A Semana*, Machado de Assis retoma o assunto, ao tratar das "excelências do xarope Cambará". Ao se lembrar do "Xarope do Bosque", que prometia realizar tantas curas, mas não chegara à maioria, ele questiona: "Por que é que os remédios morrem?" (ASSIS, 1959, p. 594). A resposta ele não possui, mas sugere que, mesmo se as doenças acabassem um dia, a indústria dos remédios as reinventaria. No mesmo jornal, em 19 de janeiro de 1896, o cronista aconselha as leitoras a tratar-se com a medicação do Padre Kneipp, que pregava a cura de todas as doenças por meio da utilização da água, por ser um "alívio à dor e às algibeiras" (Idem, p. 697). Em 5 de julho do mesmo ano, volta a se irritar com as farmácias, em virtude de

alguns envenenamentos na cidade: "que são produzidos por engano das pessoas que manipulam os remédios" (Ibidem, p. 714). Finalmente, em 15 de novembro, ainda de 1896, o escritor comenta dois casos de desatenção por parte de farmacêuticos: no primeiro, uma moça quase teria morrido envenenada por descuido do boticário que teria lhe vendido iodo ao invés de limonada purgativa; no segundo caso, um senhor não teria escapado: morreria por distração também de um boticário, pois este lhe teria vendido o remédio errado.

Como se vê, o assunto ressurgiu várias vezes nas crônicas de Machado de Assis, que comenta a irresponsabilidade dos boticários, a profusão de remédios prometendo realizar curas milagrosas e o elenco de sistemas medicinais que se sucediam, como a alopatia, a homeopatia, a dosimetria, sem, no entanto, conseguir sanar as doenças da época. O cronista descreve a transformação da medicina em comércio e sua manipulação por mãos inescrupulosas.

Surgiam médicos por toda a parte, prometendo curas milagrosas. Eles enriqueciam às custas da ignorância de seus pacientes, como foi o caso do Dr. Chernoviz, que acumulou verdadeira fortuna antes de retornar à França. Não é por acaso que Brás Cubas pensa na possibilidade de criar um emplasto que lhe traria, ao mesmo tempo, glória e dinheiro:

Essa idéia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas de remédio, estas três palavras: *Emplasto Brás Cubas* (ASSIS, 1978, p. 17).

O narrador resume desse modo suas intenções: “De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: — amor da glória”.

Como se vê, as questões referentes à medicina e à ciência, mesclam-se ao desejo de enriquecer e obter prestígio curando os males do próximo de maneira honesta ou fraudulenta. Insisto, porém, que essas questões faziam parte do cotidiano de Machado, como haviam feito parte da realidade de Cervantes e de Dante, quero dizer, sempre estiveram presentes nas discussões acerca do ser humano e não se restringem à sociedade brasileira escravocrata oitocentista.

Veja-se a questão do “amor à glória”. Não por acaso, o autor da *Divina Comédia* colocou no oitavo círculo do Inferno os fraudulentos, os adivinhos e os fundadores de seitas. Numa situação melhor, ou seja, no primeiro círculo do Purgatório, ficaram os soberbos, que desejavam a glória terrena e desprezavam o próximo. Não parece ser coincidência que haja uma citação nas *Memórias póstumas* retirada da obra de Dante, exatamente do primeiro círculo: no capítulo LVII, intitulado “Destino”, Brás Cubas comenta seu relacionamento com Virgília e explica: “Achávamo-nos jungidos um ao outro, como as duas almas que o poeta encontrou no Purgatório: Di pari, come buoi, che vanno a giogo” (ASSIS, 1978, p. 86). Virgília remete a Virgílio, aquele que acompanha o poeta florentino em seu percurso. Mas Virgília e Brás são comparados àqueles bois que caminham lado a lado. O narrador se retrata, porque os animais teriam mais dignidade que o casal: “éramos outra espécie de animal, menos tardo, mais velhaco e lascivo” (Idem). Eles deveriam aprender que: “A glória mundana não é senão sopro de brisa que ora vem daqui, ora dacolá”. (ALIGHIERI, 1979, p. 163). E por isso tinha de ser desprezada.

Mas não foi. Trezentos anos depois da publicação de *A divina comédia*, Cervantes escreve seu *Dom Quixote* e retrata a vida do “engenhoso fidalgo” que desejava “fazer-se cavaleiro andante, e ir-se por todo o mundo, com as suas armas e cavalo, à cata de aventuras, e exercitar-se em tudo em que tinha

lido se exercitavam os da andante cavalaria, desfazendo todo o gênero de agravos, e pondo-se em ocasiões e perigos, donde, levando-os a cabo, cobrasse perpétuo nome e fama” (CERVANTES, 1978, p. 30).

Dois séculos mais tarde, Machado de Assis cria Brás Cubas. Inova no estilo e surpreende pela criatividade na forma de narrar. Mas um dos temas centrais da obra, aquele que motiva a personagem e ser-lhe-á fatal, é muito antigo: o amor da glória. Glória esta que deveria advir da elaboração de um remédio fabuloso. A criação de um “medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade”, coloca a obra de Machado em diapasão com sua época, de grande progresso (pelo menos aparente) da medicina, mas também com todos os seus antecessores que trataram da “glória temporal”.

O narrador do romance não era cientista, nem médico, mas desejava alcançar fama e fortuna por meio da criação de um emplasto milagroso; ora, esse tema era explorado no século XII, quando se acreditava na existência de um bálsamo capaz de curar todas as feridas.

Cervantes já havia mencionado esse bálsamo. Em *Dom Quixote*, o cavaleiro da triste figura, após ter-se machucado em uma batalha, diz a Sancho que lamenta não trazer consigo “uma redoma de bálsamo de Ferrabrás”, porque uma só gota desse medicamento lhes “pouparia mais tempo e curativos”. Instado pelo fiel escudeiro, explica do que se trata:

É um bálsamo — respondeu Dom Quixote — de que eu tenho a receita na memória, com o qual ninguém pode ter medo da morte, nem se morre de ferida alguma; e assim, quando eu o tiver feito e to entregar, não tens mais nada que fazer: em vendo que nalguma batalha me partem por meio corpo, como muitas vezes acontece, a parte do corpo que tiver caído no chão tomá-la-ás com muito jeito e muita sutileza e, antes que o sangue se gele a porás sobre a outra metade que tiver ficado na sela, por modo que acerte bem à justa; e dar-me-ás a beber apenas dois tragos do dito bálsamo, e ver-me-ás ficar mais são que um perro (CERVANTES, 1978, p. 63).

Após outras aventuras e ferimentos, o cavaleiro prepara o bálsamo: leva ao fogo azeite, vinho, sal e rosmaninho, “rosna” mais de oitenta padre-

nossos, muitas ave-marias, salve-rainhas e credos e bebe o medicamento precioso. O efeito é imediato: começa a vomitar, suar e pede que o deixem só. Adormece e acorda "aliviadíssimo do corpo", acreditando que a melhora era devida à poção mágica ingerida.

Como já assinalou Gilberto Pinheiro Passos em seu *A poética do legado* (1996), Machado estabelece, nas *Memórias póstumas*, um diálogo intertextual com *Dom Quixote*, de Cervantes: em ambos os romances, há uma personagem com o nome Marcela. A diferença está na sua caracterização: "a 'linda Marcela' brasileira ('boa moça, lépida, sem escrúpulos') se opõe paródica e diminutamente à espanhola, indicando o narrador seu caminho até *Dom Quixote* com um índice indesmentível" (p. 106-7).

Este caminho indicado pelo narrador demonstra, pois, o conhecimento profundo da obra de Cervantes e, consequentemente, do bálsamo de Ferrabrás.

As origens exatas do famoso medicamento são desconhecidas. Sabe-se que ele é citado em *Conquêtes du Grand Charlemagne, roi de France*, de 1485, na passagem que narra a luta travada entre Oliveiros e Ferrabrás; daí o seu nome, bálsamo de Ferrabrás. Conhece-se, igualmente, a existência de um cirurgião francês chamado Hervé Fierabrás: o *Grand Larousse Encyclopédique* (1961, p. 1004) explica tratar-se de um charlatão que, em 1550, publicou o livro *Méthode brief e facile de garder la santé, d'éviter la maladie avec aucuns de l'âme, non encore ruis en Lumière*, em que garantia possuir a receita dessa poção.

Fierabrás, Ferrabrás, Brás, a associação é irresistível e assim explico minha hipótese para a origem do prenome utilizado por Machado para batizar sua personagem, que deseja, como seus antecessores, criar um emplasto miraculoso e, com ele, alcançar a glória, "lançando os alicerces de uma invenção farmacêutica" (ASSIS, 1978, p. 17).

O bálsamo que devia curar, entretanto, torna-se responsável por sua morte: "estando eu ocupado em preparar e apurar a minha invenção, recebi em

cheio um golpe de ar; adoeci logo, e não me tratei” (Idem, p. 19). Este alquimista brasileiro, na busca da Panacéia Universal que o tornaria rico e famoso, é vítima de uma pneumonia comum que lhe tira a vida e os sonhos. A narrativa se encerra com uma série de negativas e uma certeza: os homens continuarão a ser hipocondríacos.

Logo acima, escrevi que Brás foi pego por um golpe de ar na busca da Panacéia Universal. Isso me leva a pensar em seu sobrenome, que Facioli remeteu a Cuba, afirmando:

Convém lembrar ainda que o processo da abolição do tráfico de africanos primeiro e depois o da escravatura em Cuba seguiu um ritmo muito semelhante ao do Brasil, com a classe escravista cubana, apoiada e tutelada pela Espanha, criando inúmeros negaceios e astúcias para prolongar a escravidão o mais possível, tendo, aliás, como aqui, também “inventado” leis protetórias semelhantes, como a do Ventre Livre e a dos Sexagenários (FACIOLI, 2002, p. 83).

Vejamos outras possíveis origens do sobrenome da personagem machadiana. Mencionei que a “busca da Panacéia Universal” me levava a pensar em Cubas. Por que razão? Porque Cubas poderia ser anagrama de busca e, segundo a personagem, é a “invenção de um medicamento sublime” que lhe tira a vida e lhe permite escrever um livro “no outro mundo”; ou seja, a busca da glória mundana o leva a preparar um emplasto anti-hipocondríaco, durante o preparo do qual recebe um “golpe de ar” que lhe causa uma pneumonia, leva-o à morte e faz nascer um defunto autor.

Outra hipótese para a criação do sobrenome está no dicionário: um “cuba” é um indivíduo “poderoso, influente, matreiro” e também “entendido em práticas de feitiçaria” (*Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, 1974, p. 349). Mas meu dicionário é deste século; não sei se há cem anos a palavra já possuía esse significado. De toda forma, a descrição que Brás faz de si mesmo remete à definição dada pelo dicionário: a personagem conta pertencer a uma família abastada que lhe deu uma educação “no geral viciosa, incompleta, e em partes negativa” (ASSIS, 1978, p. 31).

Tomada a devida cautela, se as hipóteses que apresento aqui tiverem fundamento, as *Memórias póstumas de Brás Cubas* contêm uma crítica ferina à medicina fraudulenta, aos charlatães que almejavam alcançar fortuna prometendo a criação de medicamentos milagrosos, e ao amor da glória, “a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem”. O romance continua atual, portanto, porque, além de retratar a sociedade brasileira escravocrata oitocentista, tece reflexões a respeito de problemas comuns a todos os homens, problemas estes já descritos por grandes autores da literatura, como Dante e Cervantes, com os quais Machado de Assis dialoga ao compor sua narrativa.

Referências bibliográficas

- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Crônicas de Lélío*. Org. Raimundo Magalhães Jr., Rio de Janeiro: Ediouro, 198-. (Coleção Prestígio).
- _____. *Bons Dias!* Org. John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1990.
- _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1959, vol. III.
- _____. *Crônicas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1962.
- _____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis*. O enigma do olhar. São Paulo: Ática, 1999.
- CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- Grand Larousse Encyclopédique*. Paris: Larousse, 1961.
- FACIOLI, Valentim. *Um defunto estrambótico*. Análise e interpretação das Memórias póstumas de Brás Cubas. São Paulo: Nankin Editorial, 2002.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. 2.ed. revista e ampliada. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- PASSOS, Gilberto Pinheiro. *A poética do legado: presença francesa em Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Annablume, 1996.

Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 19-.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *Inocência*. São Paulo: Ática, 2000.